

ENSAIO
ETNOFOTOGRAFICO

Rosto, retrato e ambiguidade do sagrado

EDILSON PEREIRA

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Escola de Comunicação, Rio de Janeiro/RJ, Brasil
<https://orcid.org/0000-0001-8308-661X>
edilson.pereira@eco.ufrj.br

PAOLA LINS DE OLIVEIRA

Universidade Federal Fluminense (UFF), Departamento de Artes e Estudos Culturais, Rio das Ostras/RJ, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-7104-5842>
paolalins@gmail.com



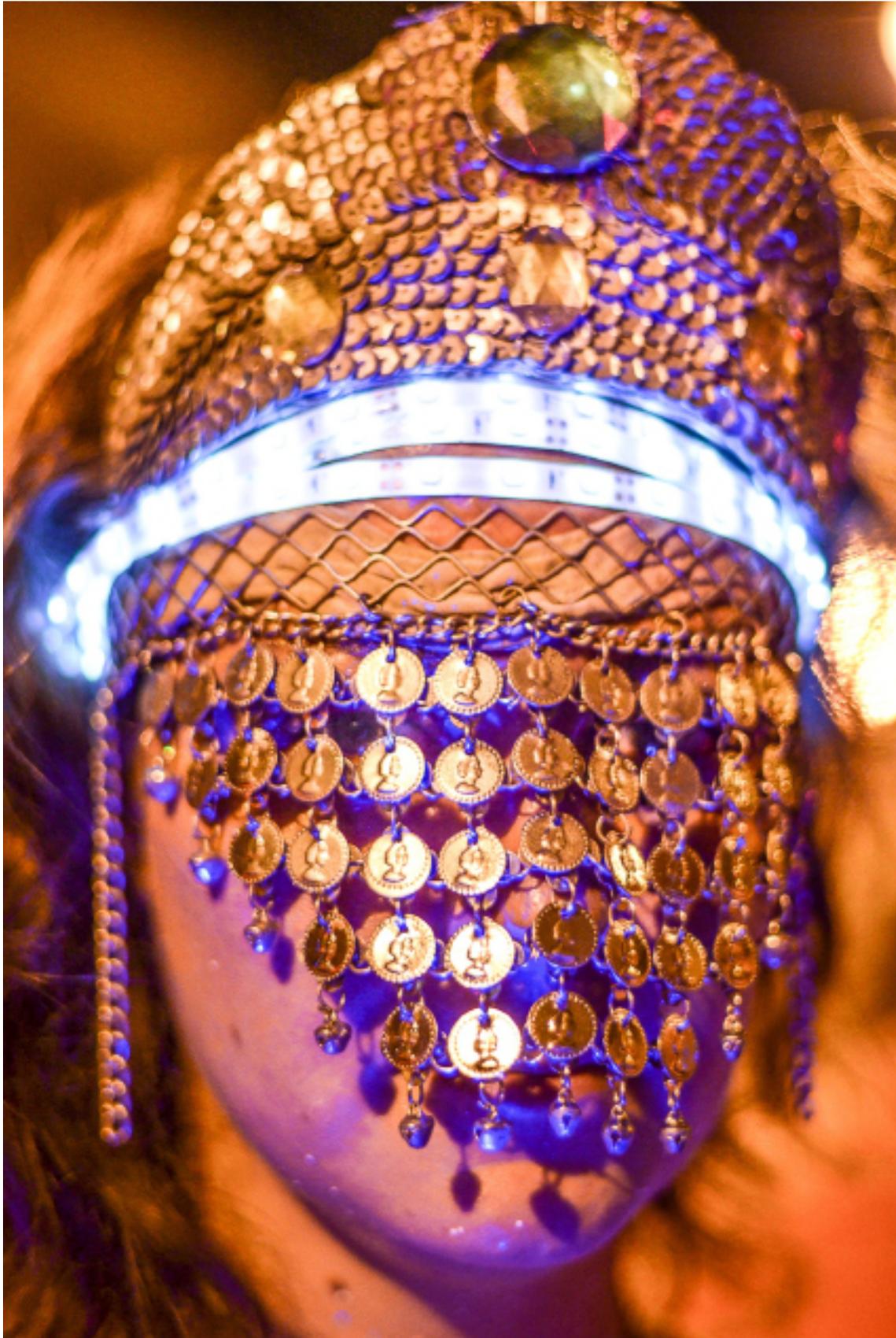




















O rosto se constitui como um tema de longa reflexão nas ciências humanas e nas artes. Em 1901, Simmel (2020) abordou a significação estética do rosto, enfatizando a unidade de seus elementos e sua singularidade em relação ao corpo. Em textos complementares, o autor (Simmel, 1986) destacou a função sociológica elementar da face: sustentar a capacidade humana de olhar e ser olhado. Estabelecer vínculos entre aqueles que se veem mutuamente. O rosto é uma zona corporal expressiva por excelência, uma via de acesso à singularidade do outro que participa ativamente da experiência social. Com a sua função relacional, o rosto se converte em zona focal privilegiada em contextos rituais. No conhecido estudo sobre a noção de pessoa, Mauss (2010) analisou os usos de máscaras e pinturas faciais para abordar a conjugação de múltiplas faces sobre o rosto de uma pessoa que incorpora vários personagens. Uma justaposição que permitiu entrever uma noção não individualista do “eu”, cuja *persona* que expressa “uma personalidade sobreposta, verdadeira no caso do ritual, fingida no caso do jogo” (*ibid.*:381). Na composição relacional entre individualidade e alteridade, a face humana se revela como objeto de grande atenção cultural.

Apesar de sua relevância, constatamos que o tema tende a receber pouca atenção na formação de pesquisadores contemporâneos. Ao recuperar nossas trajetórias acadêmicas, assim como as de colegas, damos-nos conta de que o assunto permanece quase sempre secundário, sem aparecer na descrição dos objetos de estudo definidos em projetos de mestrado, doutorado e pós-doutorado. Em realidade, é na medida em que somos expostos a personagens, materialidades e situações etnográficas específicas que constatamos, em cada campo, a necessidade analítica de colocar em primeiro plano as referências em torno do rosto.

Nas últimas décadas, estivemos continuamente enredados por objetos de estudo que articulam elementos comuns entre práticas religiosas e artísticas – ambas compreendidas enquanto modos de ação que mobilizam formas de expressão estética com fins de produzir sentidos e/ou vínculos específicos. Fosse em pesquisas com objetos situados em contextos “religiosos” que nos levavam a falar de “arte” ou vice-versa, além daqueles sem localização estável, passamos a observar como as imagens “do rosto” se situam em um tipo de encruzilhada, por estarem na intersecção de campos de estudo e por sua própria composição híbrida, como um artefato ambivalente. (Oliveira, 2020; Pereira, 2019).

Neste ensaio, abordamos o papel das imagens – em particular do retrato – e de sua associação a modos festivos, profanos e religiosos, de lidar com a face humana. Se a face humana é explorada culturalmente de muitas maneiras, cabe atentar que a produção antropológica de imagens que enfocam o rosto pode atuar em continuidade ou destacando aspectos da atenção nativa, com fins etnográficos e poéticos. Logo as imagens não pretendem ser mero “documento” dos universos de pesquisa, tampouco se limitam a ilustrar um texto descritivo. Antes, imagens e palavras servem para construir um fluxo de pensamento sobre aspectos fundamentais da conexão entre rosto, retrato e a ambiguidade do sagrado. Formas estéticas (variações dos rostos) e referências teóricas (variações de enquadramento) podem ser entendidas como evidências, a serem recombinadas por cada leitor(a) particular.

Se partimos dos estudos socioantropológicos da religião, observamos que as imagens são descritas como tendo um papel fundamental na experiência religiosa, seja em seu uso ou em sua recusa para evocar a imanência ou transcendência. Para alguns autores, as imagens intensificam os efeitos da reve-

lação mística; para outros, elas ocultam uma verdade que há para além delas. Elas mostram, convertem ou mascaram propositadamente – além de poderem transitar entre essas posições indefinidamente (Latour, 2008; Morgan, 2014; Meyer, 2019).

No universo das imagens, as fotografias possuem um estatuto singular. Segundo Pinney (1996), elas carregam uma tensão irresoluta em si mesmas, dada sua condição simultaneamente icônica, de semelhança, e indexical, de contiguidade em relação àquilo que captura. Justamente por essa dupla composição é que Susan Sontag (2004:172) argumenta que “uma foto não é apenas semelhante a seu tema, uma homenagem a seu tema. Ela é uma parte e uma extensão daquele tema; e um meio poderoso de adquiri-lo, de ganhar controle sobre ele”. É, portanto, em um emaranhado que se encontra o caráter sagrado do retrato – cujo nome deriva do termo latino *retrahere*, copiar, trazer de volta.

Voltemos então a um dos nossos pontos de partida: no *Esboço de uma teoria geral da magia*, Mauss (2010:104) afirma que “a imagem está para a coisa assim como a parte está para o todo”. Ele escrutinava as especificidades da magia simpática, baseada no princípio de contágio entre partes semelhantes, e mostrava que a lógica mágica estabelece que o princípio de semelhança equivale ao de contiguidade. Numa derivação desse legado teórico, Gonçalves (2016) afirma que “o retrato está para a pessoa assim como a parte para o todo”. O retrato teria uma densidade sagrada particular por guardar uma semelhança/contiguidade em relação a um outro. A humanidade duplicada potencializa a imagem; o retrato vira espelho da face e ex-voto. Há uma contaminação positiva entre a imagem e o que se designa como sagrado.

O sagrado opera também sob chave negativa e de separação. Simmel (2020:231) ensinava que “esteticamente, não há outra parte do corpo cuja totalidade possa ser tão facilmente destruída pela desfiguração de apenas um de seus elementos” (tradução livre). Em sintonia com as obras que deslocam a sacralidade associada à totalidade do corpo humano, uma ideia central na tradição judaico-cristã, Georges Bataille (2018), questionou a hierarquia do rosto em relação à anatomia humana, pensando não só os seus usos – como no inventário maussiano das técnicas corporais – mas os efeitos de sua perda. Assim é que a força do sagrado pode irromper na imagem do abjeto, como na cabeça decapitada de João Batista. Escrevendo desde o contexto francês do entreguerras, Bataille aproximou noções e imagens da etnologia com as do surrealismo, rompendo com o estatuto verificador do real atribuído tanto ao discurso acadêmico quanto às fotografias. Em empreendimentos da época, como na publicação da revista *Documents*, entre 1929 e 1930, a articulação entre imagens e texto e das imagens entre si não se resumia a uma mera reiteração. Antes, as imagens de contextos heterogêneos eram articuladas entre si para produzir atritos que poderiam estimular novos pensamentos.

Inspirados nos diálogos entre a magia antropológica e a contramagia das imagens, apresentamos neste ensaio um jogo composto por certos personagens visando produzir evidências de uma cartografia das relações entre o rosto, o retrato e o sagrado. Menos que oferecer um mapa, contudo, apresentamos diferentes territórios – da face – nos valendo da estética de pessoas-figuras retratadas no decorrer de uma pesquisa etnográfica multissituada no tempo e no espaço. Ou melhor, de diferentes pesquisas que, em conjunto e em seu próprio tempo de amadurecimento, foram se revelando mais interconectadas do que o previsto. O investimento de pesquisa no carnaval de rua no Rio de Janeiro, por exemplo,

levou-nos ao encontro de um Cristo se divertindo junto a Iansã. Já a abordagem etnográfica da Semana Santa ao sul da Espanha (Pereira, 2020), por outro lado, permitiu constatar que os personagens mascarados se organizam de maneira análoga aos integrantes de certas alas de um desfile-procissão (Menezes & Pereira, 2022), embora gerando um temor incomum entre os foliões. Por sua forma austera, os *nazarenos* encapuzados de Sevilha dramatizam um aspecto sombrio da Paixão. Em seu conjunto, as fotografias deste ensaio recobrem tempos e espaços rituais retratados pelo autor e, aqui, analisadas em parceria com a autora. O olhar combinado e transversal nos permitiu elaborar que os registros encarnam situações-chave para a emergência do sagrado, dentro das suas especificidades, mas que atendem a um dispositivo comum: os ocultamentos totais ou parciais instigam a uma revelação, e tal expectativa atravessa de potência transgressora cada situação.

Nas fotografias que apresentamos, há diversas composições entre olhos e face: revelações e ocultamentos parciais ou totais, revelações dos olhos e ocultamentos da face, revelações da face e ocultamentos dos olhos. É preciso sublinhar as distinções em jogo, tal como nas tradições que exibem ou escondem o rosto de seus iniciados. Olhos fechados podem evocar dor e êxtase, seja ele religioso ou erótico (Bataille, 1987). Ocultar a face, por outro lado, frequentemente corresponde a uma renúncia da identidade individual. Se os rostos fornecem retratos condensando a interioridade e a identidade, o que se pode apreender de retratos das faces cobertas? Seriam contrarretratos que evidenciam a experiência anônima do ritual, reforçando seu sentido coletivo?

A fragmentação é um outro vetor crítico para a identidade que os retratos deste ensaio atualizam. A separação aparece, em verdade, como potencialidade inerente e contraditória do próprio destaque dado ao rosto. “A unidade da face é acentuada pela cabeça que permanece sobre o pescoço, que lhe dá uma espécie de posição peninsular em contraste com o corpo” (Simmel, 2020:232; tradução livre). Uma conexão interrompida por tecnologias como a guilhotina que, para Bataille, foi a primeira máquina de tirar retrato. “Tirar” um retrato se aproxima da ideia de retirar do outro seu retrato, não como uma cópia da imagem, mas seu rosto ou cabeça. O poder da cópia sobre o original aqui ganha relevo particular: a fragmentação da imagem evoca a fragmentação – física, espiritual etc. – do original (Taussig, 1999). A evocação do dano caminha em direção à literalidade. Efeitos da fragmentação não estão contidos exclusivamente na identidade, mas na fisicalidade e aparência dos corpos, nas relações que eles estabelecem com os atores, imagens e materialidades ao seu redor. Analisar imagens antropológica é, muitas vezes, pensar a partir de recortes e cópias que a própria investigação produz.

Edilson Pereira é Doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro (MN/UFRJ) e Professor da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Paola Lins de Oliveira é Doutora em Antropologia Cultural pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Professora do Departamento de Artes e Estudos Culturais da Universidade Federal Fluminense (UFF).

REFERÊNCIAS

- Bataille, G. (1987). *O Erotismo*. Porto Alegre: L&PM.
- Bataille, G. (2018). *Documents: Georges Bataille*. Florianópolis: Cultura e Barbárie.
- Gonçalves, M. A.T. (2016). Retrato, pessoa e imagem: o universo fotográfico de Madalena Schwartz. *Revista de Antropologia*, 59(3), 239-264. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2016.124819>
- Latour, B. (2008). O que é iconoclash? Ou, há um mundo além das guerras de imagem? *Horizontes Antropológicos*, 14(29), 111–50. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832008000100006>
- Mauss, M. (2010). *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify.
- Menezes, R. de C., & Pereira, E. (2022). Imagens da religião em um carnaval da Mangueira. GIS - Gesto, Imagem e Som - *Revista de Antropologia* 7(1), e185745. <https://doi.org/10.11606/issn.2525-3123.gis.2022.185745>
- Meyer, B. (2019). Idolatry beyond the Second Commandment: Conflicting Figurations and Sensations of the Unseen. In B. Meyer, & T. Stordalen (orgs.). *Figurations and Sensations of the Unseen in Judaism, Christianity and Islam* (pp. 77-96). Londres: Bloomsbury.
- Morgan, D. (2014). The Ecology of Images. Seeing and the Study of Religion. *Religion and Society: Advances in Research*, 5, 83-105. <https://doi.org/10.3167/arrs.2014.050106>
- Oliveira, P. L. (2020). Matisse e a religião da arte. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 35(104), e3510407 <https://doi.org/10.1590/3510407/2020>
- Pereira, E. (2019). As imagens encarnadas entre mortos e vivos: notas etnográficas sobre ritual e retrato. *Sociologia & Antropologia*, 9(2), 638-663. <https://doi.org/10.1590/2238-38752019v9213>
- Pereira, E. (2020). Fotografia e ritual: ensaio sobre os homens e as imagens da Paixão. *Cadernos de Arte e Antropologia*, 9(2). <https://doi.org/10.4000/cadernosaa.3286>
- Pinney, C. (1996). A história paralela da antropologia e da fotografia. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, 2, 29-52.
- Simmel, G. (1986). Digresión sobre sociología de los sentidos. In Sociología. *Estudio sobre las formas de socialización* Tomo 2 (pp. 676-695). Madrid: Alianza.
- Simmel, G. (2020). *Georg Simmel: Essays on Art and Aesthetics*. Edited by Austin Harrington. Chicago: University of Chicago Press. <https://doi.org/10.7208/chicago/9780226621128.001.0001>
- Sontag, S. (2004). *Sobre fotografia: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Taussig, M. (1999). *Defacement – Public Secrecy and the Labor of the Negative*. Stanford/California: Stanford University Press. <https://doi.org/10.1515/9781503617131>

ROSTO, RETRATO E AMBIGUIDADE DO SAGRADO

Resumo: Qual efeito o rosto e o retrato produzem na experiência sagrada? Para responder a essa questão, apresentamos um conjunto de imagens de pessoas, artefatos e situações heterogêneas entre si para traçar uma cartografia das relações entre rosto, sua captura fotográfica e as formas sensíveis de expressão do sagrado, em suas manifestações religiosas e festivas. Por meio do registro de certos personagens em espaços e tempos rituais, seja dentro ou fora do país, e em diálogo com reflexões do campo da antropologia, mapeamos aquilo que unificaria as diferentes modalidades de relação estabelecidas com a face humana e sua potência comunicativa.

Palavras-chave: Antropologia visual; sagrado; retrato; ritual; Carnaval.

THE FACE, THE PORTRAIT AND THE AMBIGUITY OF THE SACRED

Abstract: What effect do face and portrait have on sacred experience? To answer this question, we present a set of images of people, artifacts, and situations that are heterogeneous among themselves to trace cartography of the relations between the face, its photographic capture, and the sensitive forms of expression of the sacred in its religious and festive manifestations. Through the register of certain characters in ritual spaces and times, whether inside or outside the country, and in dialogue with reflections from the field of anthropology, we mapped what would unify the different modalities of relationship established with the human face and its communicative power.

Keywords: Visual anthropology; Sacred; Portrait; Ritual; Carnival.

ROSTRO, RETRATO Y AMBIGÜEDAD DE LO SAGRADO

Resumen: Qué efecto el rostro y el retrato producen en la experiencia sagrada? Para responder a esta cuestión, presentamos un conjunto de imágenes de personas, artefactos y situaciones heterogéneas entre si para trazar una cartografía de las relaciones entre el rostro, su captura fotográfica y las formas sensibles de la expresión de lo sagrado, en sus manifestaciones religiosas y festivas. Por medio del registro de ciertos personajes en espacios y tiempos rituales, sea dentro o fuera del país, y en diálogo con las reflexiones del campo de la antropología, mapeamos aquello que unificaría las diferentes modalidades de relación establecidas con la faz humana y su potencia comunicativa.

Palabras clave: Antropología visual; sagrado; retrato; ritual; Carnaval.

RECEBIDO: 15/12/2021

APROVADO: 11/07/2022

PUBLICADO: XX/12/2022



Este é um material publicado em acesso aberto sob a licença *Creative Commons BY-NC*